

# DURA LEX SED LEX NO CABELO SÓ GUMEX

estreou a 14 de dezembro de 1967 no  
TEATRO MESBLA

ELENCO: Ítalo Rossi / Paulo Silvino / Berta Lorán / Gracindo Júnior / João Marcos Fuentes / Haroldo de Oliveira / Paulo Nolasco / e a participação especial de: Adriana Prieto / Irene Stephania / Maria Lúcia Dahl / Maria Regina / Selma Caronezzi / Susana Moraes.

Assistência de direção, Othoniel Serra e Renata Sochaczewski / Cenários, Carlos Fontes (Kumbuka) / Figurinos, Marie Louise Nery / Adereços, Walter Bacci / Produção, Agostinho Conduru, Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho / Direção musical, Sidney Waismann / Play-back gravado por Rosinha de Valença, Ico Castro Neves, Copinha, Wilson, Conjunto Black Foot. Cantado por Joyce, Márcia Ferreira, Olga Bronstein e o Quarteto Os Cantadores.

Um empreendimento de Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Sérgio Fadel para o TEATRO DO AUTOR BRASILEIRO



DURA LEX SED LEX  
NO CABELO SÓ GUMEX

LIVRO  
A. Ramos Lemos Usal  
Co. Branco, 156 - S. Jbreloj  
Av. Rio  
Tels.: 262-2501 - 262-4789

DURA LEX SED LEX  
NO CABELO SÓ GUMEX

NO LIVRO, A PERSONAGEM CENTRAL DA REVIS-  
TA É A VIRGEM MARIA. NO ESPETÁCULO, É A  
PRINCESA ISABEL. ESTA MODIFICAÇÃO FOI  
FEITA NO SEMINÁRIO DE DRAMATURGIA QUE  
FIZEMOS COM A CENSURA.

ODUVALDO VIANNA FILHO

DURA LEX SED LEX  
NO CABELO SÓ GUMEX

REVISTA MUSICAL

IDEALIZAÇÃO E ROTEIRO DE ODUVAL-  
DO VIANNA FILHO, PAULO PONTES E  
ARMANDO COSTA / MÚSICA DE DORI  
CAYMMI, FRANCIS HIME E SIDNEY  
WAISMANN

RIO DE JANEIRO / GUANABARA  
1967

CAPA: MILLÔR FERNANDES

© ODUVALDO VIANNA FILHO

## PRIMEIRO ATO

*Abre o pano. Escuro. Tôdas as mulheres da companhia, cobertas com véus negros, estão ajoelhadas no palco. Um tempo. É projetado um "slide"*

SLIDE

"Vocês não imaginam — dizia ontem uma das figuras de maior prestígio dentro do govêrno — Como o presidente sofre quando sabe que um estudante foi espancado pela polícia".  
Jornal do Brasil 27.7.67

*Foco de luz só na frente do palco. Entram Mamãe Dolores e Albertinho Limonta.*

ALBERTINHO

Pode falar, mamãe Dolores.

DOLORES

Você precisa saber tudo sôbre o seu nascimento.

ALBERTINHO

Fale.

DOLORES

É doloroso paca.

ALBERTINHO

Fale, mamãe Dolores. Quem é meu pai?  
Quem é minha mãe?

DOLORES  
Lá vai.

ALBERTINHO  
Manda.

DOLORES  
Seu pai é um latino-americano... sua mãe  
é uma latino-americana e você... você tam-  
bém nasceu na América Latina... (*Se abra-  
çam chorando e vão saindo*) Não é mole...  
Não é mole...

UMA ATRIZ  
(*Começa cantando só e puxa o refrão*)  
Ave Maria  
olhai para nós  
todo rosto o mesmo rosto  
a mesma falta de destino.

MAIS GENTE  
todo rosto o mesmo rosto  
chuva noite sol a pino  
todo rosto o mesmo rosto  
igual como batida de sino

UMA ATRIZ  
Ave Maria  
escutai nossa gente

MAIS GENTE  
Vira mês, vira ano, vira tempo  
vira noite, vira dia  
não sabemos mais  
continuar nossa alegria

UMA ATRIZ  
chuva noite sol a pino  
todo rosto o mesmo rosto

TODOS  
Ave Maria  
rogamos por nós:  
nos dê uma terra mansa  
ou levai para sempre  
nossa maldita esperança  
Ave Maria  
*O côro continua. Algumas atrizes gritam gri-  
tos sicilianos*

VOZES  
Olhai por mim! — Dá-me uma graça! —  
São Judas Tadeu! Cadê São Judas Tadeu? —  
Miracolo! Un miracolo! — Santo Antônio, faz  
uma forcinha! — Pode vir quente que eu es-  
tou fervendo!  
*A luz vai sumindo. A mesma música fica em  
Play Back, celestial*

SLIDE 1  
Fêz-se tamanho escarcéu  
aqui na América Latina  
que as súplicas ouvidas  
agora neste teatro  
também chegaram ao céu.

SLIDE 2  
Eis que o Altíssimo ouve,  
ouve mas fica tranqüilo —  
não tem de mandar ninguém —  
pois sempre vê lá de cima

seu time em ótima forma  
com Frei Chico, Hélder Câmara  
e Alceu de Amoroso Lima.

SLIDE 3

Porém desta vez resolve  
nos mandar um mensageiro.  
Sim, sabe que sua turma briga  
bem na América Latina,  
mas êle fica indignado  
com a total falta de auxílio  
para o teatro brasileiro.

SLIDE 4

Eis que êle nos envia —  
com o devido respeito  
e permissão da censura —  
nos manda a própria Maria.  
*Abre a luz. Maria está no alto. Mala na mão*

MARIA

Mas como é que eu encontro a América La-  
tina?

A Voz

Está vendo aquêlo Pôsto Esso lá embaixo nos  
Estados Unidos?

MARIA

Estou.

A Voz

Vai de Pôsto Esso em Pôsto Esso que você  
chega lá.

*Música sobe alta. Entra tôda a companhia:  
Chacrinha, Tiradentes, generais, loucos, uma  
ala de Escola de Samba, Benefactor, uma du-*

*pla caipira, estandartes, alegorias, Cristo Re-  
dentor com as mãos na cabeça, uma estátua  
equestre com o soldado montado ao contrá-  
rio. Cantam e dançam. Maria assiste*

CÔRO

Chegou chegou chegou  
folgou folgou folgou  
olha o sol que ainda não raiou  
olha a mulata que já chorou  
mas do lado de cá é festa  
do lado de cá é festa  
É tão bonito de verdade  
que todo mundo quando nasce  
já nasce tendo saudade  
Do lado de cá. (*Pára de estalo; Chacrinha  
aponta Tiradentes*)

CHACRINHA

Palmas para o Tiradentes que êle merece.

CÔRO

Do lado de cá é festa  
do lado de cá é festa  
Peço a Deus uma avenida  
vou prá lá de madrugada  
vou sambar a minha vida.  
Do lado de cá. (*Avançam os generais. Dan-  
çam juntinhos*)

GENERAIS

General General  
é melhor e não faz mal  
General General  
é melhor e não faz mal

CHACRINHA

General, quando o senhor era capitão, o serviço de intendência era muito desorganizado?

GENERAL

Nunca fui capitão, meu filho. Já nasci General.

CÔRO

Mas do lado de cá é festa  
do lado de cá é festa  
Porque é que você dança?  
A cabrocha respondeu:  
é por causa da esperança.  
(*Avança Tio Sam*)

TIO SAM

Eu fico pensando: esta revista é sobre a América Latina. Então o que é que eu estou fazendo aqui? É sobre a América Latina. Me sinto deslocado. Deslocado. (*Avança a ala da escola de samba*)

ALA DA ESCOLA

E Tiradentes  
homem muito rico  
mas foi muito convincente  
dizendo ao povo que fico. (*Avança a dupla caipira*)

UM

A gente garra na conversa e esquece de cantar, né mesmo, compadre?

DOIS

É. Vamos cantar. (*Tocam viola. Vão cantar. Não sai nada. Tentam de novo. Nada*) Não

lembro mais. Não é que a gente esqueceu de cantar mesmo, compadre? (*Vêm os loucos. Um irradia um gol de Pelé, outro tampa a cabeça com uma máscara de jornal*)

CHACRINHA

Como sabem, na América Latina, depois de General, o que tem mais é louco solto pela rua. Portanto, palmas para os loucos que eles merecem.

CÔRO

Chegou chegou chegou  
folgou folgou folgou  
olha o sol que ainda não raiou  
olha a mulata que já chorou (*Avança o Benefactor*)

BENEFATOR

La Democrácia me gusta. No me gusta la Oposición.  
*Tambor. Entra São Jorge flamejante mas num cavalo de papelão amarfanhado. São Jorge é pequeno, subnutrido. Enquanto canta, todos vão se sentar no fundo do palco. Fumam. Como em fim de carnaval.*

SÃO JORGE

Ê, meu povo, eu entrei  
numa rua contra mão e  
perdi de vista o dragão.  
Ê, meu povo, o dragão  
é muito mal mas pior  
é o trânsito local.  
(*Vai saindo e cantando. Longo silêncio. Todos sentados quietos*)

MARIA

Muito estranho. Strangers in the night...  
Eles variam da alegria extrema à mais profunda depressão. Reações infantis. Muito in-conseqüentes.

A Voz

Não, Maria, não Iinha. É a esperança que os faz assim. Ando pensando muito em incluir a esperança entre os pecados.

MARIA

Não respeitam nada, nada. Sabe o que dizem? Dura lex, sed lex... no cabelo só Gumex...

A Voz

Gumex...? (*Tempo*) Será que é bom ... Evita queda do cabelo...?

SLIDE

Nosso primeiro capítulo  
é todo êle dedicado  
ao lumpen proletariado

*Os atôres cantam, formam uma fila, tiram suas fantasias. Por baixo, roupas de lumpen. Arrumam uma mesa com um guichê: "Agência de Desemprego. Desempregue-se aqui". Maria agora desce do céu, como Mary Pop-pins.*

CÔRO

*(Com quatro vagabundos na frente, fazendo côro)*

somos todos desempregados  
somos todos desempregados

passa boi, passa boiada  
passa passa gavião  
Pelé passa prá Coutinho  
Coutinho passa prá Pelé  
combateram a febre amarela  
inventaram até avião  
mas a gente continua naquela,  
ó, a mesma esculhambação!

De tanto haver desemprego  
desde o comêço do mundo  
criou-se um mal entendido  
ó, um erro profundo  
é que em vez de desempregados,  
só nos chamam de vagabundos  
dun dun dun  
vai trabalhar vagabundo

*(Fala)*

trabalhar aonde, meu chapa, não está acompanhando nos periódicos essa onda de demissões em massa, não?  
vai trabalhar vagabundo.

PRIMEIRA

*(Vendo Maria descer)* Que será isso?

SEGUNDA

Deve ser propaganda de filme.

PRIMEIRA

Que besteira.

*Desinteressam-se. O agente assina papéis, dá empregos. A fila formada, caminha lenta*

MARIA

(*Que chegou*) Por favor, aqui é o mundo sub-desenvolvido?

CARA

Não, dona, aqui é Niterói.

AGENTE

Um nordestino. Um nordestino.

VOZES

Eu. — Eu. — Eu.

AGENTE

Você.

MULHER

Não sou nordestina, não.

AGENTE

Ora, deixe de modéstia, com essa cara de fome? (*Dá um pacote de gilete*) Vai comer gilete no Largo São Francisco, de uma às três. Horário nobre, hein? (*Mulher sai*) Outro. O que é que o cavaleiro pretende ser?

CARA 2

Marginal.

(*Consulta um livro*) Barra leve? Temos conto

AGENTE

do vigário, maconha...

CARA 2

Acho que tenho mais queda prá barra pesada...

AGENTE

Barra pesada... barra pesada... assalto serve?

CARA 2

É o meu sonho.

AGENTE

Temos assalto avulso e assalto de patota, cavalheiro.

CARA 2

Vou de patota que eu sofro muito de solidão.

AGENTE

Quadrilha do Rafaelão, Vista Chinesa. Expediente começa às seis da tarde. Outro.

MARIA

O que é isso, hein?

MULHER 2

É a vida, não é, dona?

MARIA

Ah, sei, obrigada.

*Na fila está um velho de barba branca. O agente enfia-lhe um gôrrro de Papai Noel*

AGENTE

Espera dezembro que tem emprêgo prá você. (*O velho sai*) Pro senhor só tenho alcagüete de polícia.

CARA 3

Ah, assim também não. (*Sai. Uma mulher com um monte de filhos debaixo do braço. Só*

*aparecem bundinhas na frente e atrás. A mulher, evidentemente, está grávida)*

AGENTE

Quer alugar os meninos?

MULHER 3

É. Quem quiser pode pedir esmola com êles.

AGENTE

Isso a senhora trata lá dentro no Almoxtarifado.

MULHER 3

Eu queria falar com o senhor mesmo que ontem me devolveram um filho que não é meu...

AGENTE

No Almoxtarifado, dona, no Almoxtarifado... *(Mulher sai. O Agente agora distribui rápido)* Carregador de capa de Clóvis Bornay, vai ser hipnotizado no Circo Dudu, galã na rua Santa Clara, vai bater palma em programa da TV-Tupi, amiguinho de bicha velha, relações públicas de bordel... *(Maria já está bem próxima)*

MARIA

Parei! Parei *(Avança para o agente. Mete a mão nêle)*

AGENTE

Meu Deus! É a guerrilha! Estourou a guerrilha!

MARIA

Mas é isso que você oferece aos seus irmãos? Não aceitem! Ele oferece a ruína, o desespero, o aviltamento, o desencanto...

UMA VOZ

Olha êsse comunismo aí...

MARIA

Não se pode tratar assim o ser humano. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus!

AGENTE

Na América Latina, não, minha senhora, tenha respeito. Na América Latina, não, tenha paciência.

MARIA

*(Canta)*

Paciência carece quem assiste  
uma cena de tal repugnância  
toca o sino, se exalta a maré mansa  
o meu Pai lá no céu perde o respeito,  
humilhar gente assim não é direito —  
homem é Deus mesmo assim na mendicância. *(Palmas da Massa)*

VOZES

Um a zero! — Cesta! — Êsses comunas sabem falar, viu? — Como é, seu Ramirinho, sai dessa!

AGENTE

Já que hoje estou muito paciente, lhe respondo com tôda autoridade: se aqui bem no centro da cidade

não tivesse da merda um agente,  
lhe garanto com tôda honestidade —  
bem pior era a sorte dessa gente.

VOZES

Mais ou menos — Que nada! Tudo de pé que-  
brado! — Não. Prá filho da puta não foi mal.

MARIA

Não me deixe, meu pai, implorou Cristo  
muito aflito no horto da Oliveira,  
quero aqui proceder de igual maneira  
diante do argumento bem lançado —  
mas garanto pior que o desgraçado  
é quem faz da desgraça sua feira.  
*A massa delira. Carregam Maria. Se abraçam.  
se beijam*

VOZES

Cesta! Cesta! — Flamengo! — Me lembrou a  
Judy Garland nos seus melhores dias! (*To-  
dos se voltam para o agente*) Explorador!  
Reacionário! Menchevique! — Você nunca  
perguntou qual era a minha vocação! — Nós  
somos vítimas da sociedade, entendeu? — Só  
dão vez prá quem tem mais de um metro e  
sessenta! — A posteridade me fará justiça!  
— Eu queria ser ventríloquo, entendeu? Ven-  
tríloquo! — Estou nesta situação porque nun-  
ca fui de bajular ninguém! (*O agente fecha  
o guichê. Pega seus tarecos*)

AGENTE

Ambiciosos. Inconformados. Angrymen. Revi-  
sionistas... trinta e oito anos sentando o rabo  
nessa cadeira... você prá lá, você em tal lu-  
gar... ajeitando o povo... agora me apare-

ce uma Sandra Cavalcânti qualquer e...  
(*Vai saindo*) não tem mais agência... se vi-  
rem... se virem... vou viver de renda...  
(*Vai saindo. Tremendo silêncio. Um lumpen  
corre*)

LUMPEN

Seu Ramirinho, a gente não quis magoar o  
senhor. Eu lhe garanto — é científico — qual-  
quer libertação repentina da libido abafada  
dá nesse cu de boi. (*O agente sai. Silêncio.  
Pausa. Todos começam a olhar para Maria.  
Cada vez mais feio. Tempo*)

A Voz

Inha, estou achando melhor você dar no pé.

MARIA

Era nisso que eu estava pensando. (*Tempo.  
Começa a correr*)

VOZES

Tasca! — Pega! — Segura! — Pensa que é a  
Virgem Maria?  
*Corte rápido. Na tela do slide são projetadas  
fotos de Maria de frente e perfil*

LOCUTOR

(*Em Play Back*) E atenção, bafafá em Nite-  
rói. Prêsa e autuada em flagrante pernicioso  
piranha que bagunçava o coreto na Praça  
dos Estrepados, investindo a massa ignara.  
A perigosa piranha, cheia de bola na cuca,  
dizendo-se enviada do céu, desmandava-se em  
impropérios contra a lei e a natureza huma-  
na. Olha só essa boneca! Ôlho nela!

SLIDE

Nosso segundo capítulo  
é todo êle delicado  
verdade! sem malícia.  
vamos falar da polícia!

*Delegacia. Mesa, telefone. Cartaz — “Delegacia” — Num banco um sujeito sentado. Maria vem tímida até o comissário*

MARIA  
É com o senhor que presta depoimento?

COMISSÁRIO  
Não. É com o bispo.

MARIA  
Ah, meu Deus do céu... meu Deus do céu...

COMISSÁRIO  
Não quero chôro nem vela...

MARIA  
É que estou aqui há três meses... três meses sem...

COMISSÁRIO  
Eu estou há doze anos. Nome.

MARIA  
Maria.

COMISSÁRIO  
Com dois érres ou com um érre só?

MARIA  
Um érre só.

COMISSÁRIO  
Aonde?

MARIA  
O quê?

COMISSÁRIO  
O érre.

MARIA  
O senhor não sabe escrever Maria?

COMISSÁRIO  
Quem faz pergunta aqui sou eu. (*Entra um polícia com um operário*)

POLÍCIA 1  
Comissário, peguei êsse vadio sem documento.

OPERÁRIO 1  
Eu tenho documento. Êle que me tirou os documentos.

POLÍCIA 1  
Tirei. E agora, você tem documento?

OPERÁRIO 1  
Não.

POLÍCIA 1  
Então. Está sem documento. Comissário. (*Leva o operário*) Como é? Vai acertar o meu lado? Tenho cinco filhos só em Bangu, meu camaradinha...

MARIA  
O senhor vai permitir uma coisa dessas?

COMISSÁRIO

Eu não. Vou ficar com uma parte do dinheiro. Meio a meio.

MARIA

Meio a meio? É um absurdo.

COMISSÁRIO

Não, meio a meio é razoável. Afinal, êles que saem na rua, tomam tiro de ladrão, ouvem desafôro de granfininho... Faça o favor de desenhar suas impressões digitais...

MARIA

Como?

COMISSÁRIO

A tinta está em falta, dona.

MARIA

Não sei desenhar.

COMISSÁRIO

Então, faça o favor de descrever suas impressões digitais...

MARIA

*(Olha o dedo)* Bom... tem uma porção de risquinho, um juntinho do outro, fazendo uma curva prá baixo, até chegar num miolinho...

COMISSÁRIO

*(Tomando nota)* Até chegar num miolinho... Muito bem. *(Bicheiro põe a cabeça)*

BICHEIRO

Comissário, deu o gato.

COMISSÁRIO

Gato? Perdi... *(Bicheiro sai)* Porque a senhora foi prêsa?

MARIA

Não sei... eu não estava fazendo nada...

COMISSÁRIO

Vadiagem... *(Pega um livro)* Meu filho, o crime não compensa, a senda do crime parece... não... isso é ladrão... *(Procura)* Vadiagem... vadiagem... *(Acha)* Minha filha, largue essa vida airada, erga a cabeça...

MARIA

Mas eu não fiz nada... *(O relógio soa)*

COMISSÁRIO

Seis horas. Meu expediente terminou. Graças a Deus. Mais um dia que terminou. Mais um dia que terminou. *(Sai correndo)*

MARIA

Por favor... por favor... estou aqui há três meses... *(Maria fica por ali. Um tempo. Vai até o sujeito que está sentado)* Eu podia prestar depoimento com o senhor?

SUJEITO

Não sou polícia, não, dona, sou assassino.

MARIA

Ah, perdão.

SUJEITO

Não tem de que. *(Ela se senta na mesa do Comissário)*

MARIA

*(Falando com o céu)* Você viu o Comissário? Que coisa desumana. Frio.

A Voz

Frio é o salário dêle. Uns duzentos por mês. O resto é assim — se virando.

MARIA

Olha que eu tenho mania de perdoar todo mundo mas você é demais.

A Voz

Você acha que fazia melhor?

MARIA

Claro, né?

A Voz

Estou apostando. Quer valer uma Brahma?

MARIA

Está valendo.

A Voz

Casco escuro. *(Maria põe paletó. óculos de Comissário, senta. Entram dois policiais carregando um sujeito mal encarado)*

POLÍCIA 2

Pegamos êle. Comissário.

POLÍCIA 3

É o Rafaelão, êle mesmo.

MARIA

Boa tarde, seu Rafaelão, vai passando bem? a família?... *(Êle grunhe)*

POLÍCIA 2

Vamos dar sumiço nêle, Comissário?

MARIA

Sumiço?... como...?

POLÍCIA 2

Sumiço. Cadê o Rafaelão? Sumiu. Sumiço.

MARIA

Não. Êle vai ser julgado e...

POLÍCIA 3

Comissário, Rafaelão matou doze PM, três meganha, cinco fuzileiros, três provisórios...

MARIA

Meu Deus, mais que a Santa Inquisição...

POLÍCIA 2

Mas não tem prova nenhuma. Provado só tem que êle roubou uma birosca fuleira na Catacumba... quer dizer... pega um ano de cana e daí um ano está na praça de nôvo vendendo paletó de madeira. Vamos dar sumiço nêle, não é, seu Comissário?

MARIA

Vocês já perguntaram se êle quer se regenerar? *(Os dois olham. Estranham. Depois riem)*

Os Dois

Boa, boa Comissário. (*Pegam Rafaelão*) Vamos dar uma volta, doçura... — Tu quer se regenerar, quer, minha fada? — Vem Chapeuzinho Vermelho vem... (*Vão levando*)

MARIA

Não... não... (*Pára. Olha prá cima meio sem jeito*)

A Voz

Sumiço, não é? Esse milagre nem eu fiz... Deixa eu tomar nota: su-mi-ço... (*Entram mais dois policiais com um cara*)

POLÍCIA 4

Comissário, êle confessa.

POLICIAIS 5

Êle disse que confessa, Comissário. Abre o bico.

MARIA

Confessa o quê?

POLÍCIA 4

(*Saindo com êle*) Isso a gente vai escolher... (*Saem. Entra um guarda com um cara fantasiado de Carmem Miranda*)

CARMEM

Me solta, truculento. Viking! Átila! Isso é um abuso, Comissário! Abuso! Então eu saio na rua de Carmem Miranda, prá prestar uma homenagem à nossa grande patrícia e me prendem? Gente do ié-ié-ié vocês não prendem, não é? Agora, música nacional não tem

vez, não é? Entreguistas! Não sou ladrão, não sou batedor de carteira, não sou comunista! Sou pederasta! É proibido ser pederasta? (*Vai sendo levada*) Não sou comunista! Sou pederasta! (*Toca o telefone, uma voz feminina esganiçada pedindo socorro e falando sem falar se ouve no play back que é tocado com a velocidade alterada*)

MARIA

Já vou enviar uma rádio patrulha, minha senhora. Prá já. (*A voz continua falando*) Guarda! (*O guarda entra correndo*) Uma radiopatrulha urgente. Assalto à mão armada.

GUARDA

Tem três radiopatrulhas — qual o senhor quer que eu mande? A 201, a 202 ou a 203?

MARIA

(*No telefone*) Já vai, minha senhora. Já vai. (*Ao guarda*) A 201.

GUARDA

A 201 não dá, está sem gasolina.

MARIA

(*No telefone*) Está indo. (*Ao guarda*) Põe gasolina.

GUARDA

Da azul ou da comum?

MARIA

Qualquer uma.

GUARDA  
Não tem verba.

MARIA  
(*No telefone*) Já vai, minha senhora. (*Ao guarda*) Estão forçando a porta. (*Entra uma velhinha*) Manda a 202.

GUARDA  
A 202 não dá.

VELHINHA  
Eu queria que uma radiopatrulha me levasse em casa que eu tenho medo de assombração.

MARIA  
Um momento, minha senhora. (*No telefone*) Já vai. (*Ao guarda*) Porque a 202 não dá?

GUARDA  
Pintaram ela errado. Pintaram ela de assistência. Estão pintando de novo.

VELHINHA  
Eu queria que uma radiopatrulha me levasse até em casa que eu tenho medo de assombração.

MARIA  
Assombração, minha senhora. assombração? (*No telefone*) Está indo. (*Ao guarda*) Manda a 203, então?

GUARDA  
A 203 foi requisitada pelo Secretário que hoje tem passeata estudantil.

MARIA  
Então não tem nenhuma radiopatrulha?

GUARDA  
Tu o disseste. (*Sai*)

VELHINHA  
Eu queria uma radiopatrulha.

MARIA  
(*No telefone*) Já vai. Já vai. (*À velhinha*) Entende, minha senhora, não existe assombração e não tem radiopatrulha.

VELHINHA  
Vou nos jornais reclamar. A senhora pode não ver assombração mas eu vejo. Problema meu. (*Sai*)

MARIA  
(*No telefone*) O ladrão entrou? Chama êle no telefone, minha senhora, que eu dou ordem de prisão... chama êle... (*telefone emudece*) Alô? Alô? (*Desliga. Novo silêncio longo*)

A VOZ  
Ei. Me deve uma Brahma, hein? Casco escuro. (*Entra uma mulher*)

MULHER  
Com a senhora que presta depoimento?

MARIA  
Não. É com o bispo.

MULHER  
Ah, meu Deus do céu... meu Deus do céu...

MARIA  
Não quero choro nem vela...

MULHER  
É que eu estou aqui há três meses.

MARIA  
Eu também, dona. Empatou.

MULHER  
Porque a senhora está com raiva de mim?

MARIA  
Quem faz pergunta aqui sou eu. Porque foi prêsa?

MULHER  
Não sei. Não estava fazendo nada... estou há três meses sem saber e... *(O relógio soa)*

MARIA  
Meia noite. Meu expediente encerrou. Graças a Deus. Mais um dia que termina. Mais um dia! *(Sai correndo. A mulher fica por ali, vai ao sujeito)*

MULHER  
O senhor não pode resolver meu caso?

SUJEITO  
Não sou polícia, não, dona. Sou assassino. *(Os dois parados. A luz apaga lenta em resistência. Abre em outro lugar. Estão Sherlock Holmes e Watson, sentado no seu colo)*

SHERLOCK  
Qual será a próxima cena, meu caro Watson? Posso garantir que Maria não vai entrar. Ela está muito cansada, foi descansar no camarim.

WATSON  
Leva o papo.

SHERLOCK  
Vimos também que pouca coisa pode ser feita. Vimos que tem muito desempregado, muito marginal, portanto tem gente demais... Portanto, diante de todos êsses elementos, que cena virá agora?... que cena?...

WATSON  
Elementar, minha besta, uma cena sobre controle da natalidade...  
*Entram slides de mulheres grávidas. Uma índia, mulheres pobres. Asiáticas. Mulheres jovens, lindas. Depois aparecem homens gordos. O último slide, que fica parado, é o de Ademar de Barros.*

SLIDE  
Para o terceiro capítulo todos dão contribuição ou o senhor não ajuda a superpopulação

*Abre a luz. Velhinhos num congresso. Todos com muita dignidade.*

PRESIDENTE  
Senhores, tresandando imensa fé e emoção, juízo e alacridade

abro os trabalhos: Primeiro Congresso Latino-Americano do Contrôle de Tôdas as Formas de Natalidade. Vamos cantar nosso hino sem batucar na mesa, com sobriedade. (*Cantam "Un homme, une femme". Tempo. Param de estalo*)

Vai usar da palavra agora quem nos acolhe debaixo dêste teto: falará o digno Representante de "Lo Presidente Eterno e Perpétuo" dêste país que acolhe bem qualquer estrangeiro que aqui chega e encosta; claro, com exceção feita ao almôço que estava uma belíssima bosta.

REPRESENTANTE  
Com imenso prazer meu país acolhe astros, estrêlas, tão brilhante gente...

PRESIDENTE  
Doutor, não é Festival de Cinema...

REPRESENTANTE  
Saúdo os cantores do continente...

PRESIDENTE  
Também não é Festival da Canção...

REPRESENTANTE  
Saúdo o Primeiro Congresso de vendedores de cueca e calção.

PRESIDENTE  
Não, não é bem isso não, Excelência.

REPRESENTANTE  
Grande Congresso de Jurisprudência.

PRESIDENTE  
Mas, Excelência, ninguém é jurista.

REPRESENTANTE  
Primeiro Congresso dos Esportistas.

PRESIDENTE  
Ah, ninguém nem faz ginástica aqui.

REPRESENTANTE  
Com emoção eu saúdo o Primeiro Congresso Mundial do Travesti.

PRESIDENTE  
Não.

REPRESENTANTE  
Lion's Club.

PRESIDENTE  
Não.

REPRESENTANTE  
Parlamentar...

PRESIDENTE  
Não.

REPRESENTANTE  
Inventores.

PRESIDENTE  
Não.

REPRESENTANTE

Jôgo de azar.

PRESIDENTE

Não.

REPRESENTANTE

Os comerciantes em miúdos.

PRESIDENTE

Não.

REPRESENTANTE

Ah, meu Deus, seja lá o que fôr esta  
merda de Congresso, eu vos saúdo!  
*Palmas delirantes*

PRESIDENTE

Depois desta brilhante alocução  
que do Congresso fêz a instalação,  
peço licença a meu pares para  
bem rápida e rasteira exposição.  
Bem... é preciso ver com nitidez,  
o problema é de muita gravidade.

VELHO 1

De gravidade não, de gravidez.

PRESIDENTE

Eu agradeço a vossa interferência.

VELHO 1

Ó, sou eu quem agradece, Excelência.

PRESIDENTE

Ora, um beijo prá Vossa Senhoria.

VELHO 1

Beijão na bôca prá Vossa Excelência  
também, dado com tôda galhardia.

PRESIDENTE

Como eu dizia, há muita gravidez.

SURDO

Muita rapidez. Parece coelho.  
Proponho que se cape todo mundo.

PRESIDENTE

Ah, a sugestão de Vossa Excelência  
é brilhante e de alcance profundo  
mas talvez algumas pessoas a tomem  
como contrária a alguns aspectos  
da já difundida Declaração  
Universal dos Direitos do Homem.  
A comissão jurídica dará  
um parecer para ver se dá pé.

SURDO

Boa, já está na hora do café?

PRESIDENTE

Mas como dizia, fornicase muito.  
Dá-se então uma explosão mais terrível  
que a da bomba atômica, sim, refiro-me  
à silenciosa explosão demográfica.

SURDO

O que foi? Vai mandar tudo prá África?  
Vai ficar um pega prá capar lá.

PRESIDENTE

E seguem-se então tôdas as mazelas  
sociais de imensas áreas geográficas —

moléstias, desemprego, as endemias.  
criminalidade, falta de fé.

SURDO  
O senhor dá licença de um aparte?

PRESIDENTE  
Pois não, Excelência.

SURDO  
Cadê o café?

VELHO 2  
Na América Latina morre uma  
criança cada quarenta segundos.  
Na América Latina não existe  
superpovoação, terra desolada.

PRESIDENTE  
Mas nasce uma em cada dez segundos.  
Quatro a um. Ganhei de goleada.

SURDO  
Laranjada, não, prefiro café.

VELHO 3  
É? Não existe superpovoação?  
Na minha casa, na praça da Sé,  
só de irmão da minha mulher tem trinta,  
quinze são José, quinze só de Zé.  
Eu não consigo ir no banheiro —  
às vezes eu fico sem urinar  
um mês inteiro, bato — “quem está  
aí?” — sempre respondem — “É o José!”

SURDO  
Também estou esperando o café.

VELHO 4

Não tem ninguém na Amazônia, no Chaco  
no Mato Grosso!

PRESIDENTE  
Estamos discutindo  
a América Latina e o senhor  
me vem com Mato Grosso, com o Chaco?

SURDO  
Café fraco?

PRESIDENTE  
Seria possível Vossa  
Excelência parar de encher o saco?

VELHO 5  
Vossa Excelência desvia nossa linha:  
nosso mal não é o superpovoamento,  
nosso grande mal é o imperialismo...

VELHO 4  
Que Vossa Excelência quer omitir  
com um toque mágico de varinha!

PRESIDENTE  
Excelência, imperialista é  
a vossa veneranda mamãezinha!

VELHO 5  
Sim, o senhor é um testa de ferro  
do capitalismo internacional  
que produz esta pílula anti-cristo!

PRESIDENTE

Não, a pílula não é anti-cristo,  
meu senhor, é anticoncepcional.

SURDO

Quero falar.

PRESIDENTE

Ih, vai virar FlaFlu.

Manda

SURDO

O café?

PRESIDENTE

Encarecidamente  
eu peço que Vossa Excelência vá  
tomar... tomar café no bar, lá fora...

VELHO 2

Este continente precisa de  
mais, mais gente, esta é a verdade!

VELHO 1

Quê? Mais gente? O senhor já pegou  
o Praça Quinze-Honório Gurgel  
lá pelas seis, seis e meia da tarde?

PRESIDENTE

Excelências, eu estou convencido:  
a natalidade é preconceito.

VELHO 3

O senhor vai concordar que é  
um preconceito muito difundido.

SURDO

Muito o quê?... Olha o palavrão! Vê lá!

PRESIDENTE

Difundido. Se disse difundido.

SURDO

Vá lá, difundido, vá lá, mas o  
café continua desaparecido.

VELHO 1

Proponho que se considere  
criminoso todo recém-nascido.

VOZES

Absurdo! — Criminoso! — Genocídio!  
Mas é imprescindível! — Viva a pílula!  
*Entra uma môça com um telefone para o Pre-  
sidente*

PRESIDENTE

Alô?... Sim... É?... Vou imediatamente.  
*(Desliga)*

Infelizmente, Excelências, sou  
obrigado a suspender a reunião  
que aqui transcorre com imenso brilho.  
Eu fui chamado da maternidade —  
é que minha mulher teve um filho.  
*(Sai distribuindo charutos)*

VOZES

Parabéns — Ela está passando bem?  
Ora, vamos esquecer nossas rixas.  
É menino, menina ou foi bicha?  
*(Sai. Todos atrás, menos o surdo)*

SURDO

Charuto deu... mas café é que é bom...  
nerusca. Êta Congressinho micha... (*Sai Luz*)

*Slides da classe média. Gente na rua, atravessando o tráfego, restaurante, ônibus superlotados, filas*

Voz

*(Canta enquanto caem slides)*

Então no quarto capítulo  
eis que Maria entra na  
pele de outras Marias,  
vai ver de perto a comédia  
cuíca tragédia de um dia  
vivido na "classe média".

*Abre a luz. Tôdas as mulheres estão de pegoirs, sentadas numa cadeira diante de uma mesa. Dormem. Semi-obscuridade. Galo canta, entra um porteiro que manca. Enquanto o porteiro canta elas vão acordando. Esta cena é tôda cantada.*

PORTEIRO

Hei, olha a água das seis,  
seis horas, dona Maria,  
vou abrir a caixa d'água  
pode esperar lá na pia.  
Bom dia, dona Cecília,  
já apontou a vasilha?

Acorde dona Loló,  
chegou o H2O.

Hei, olha a água das seis.  
Tão certo como um talvez,  
outra só no fim do mês. (*A luz abre tôda. Tôdas se movimentam, dançam, abrem e fecham torneiras*)

ELAS

É abre torneira  
é fecha torneira  
assim que se vive  
sem eira nem beira  
*(Tôdas passam com vasilhas, bacias, panelas, penicos)*

A bacia  
enche a pia  
dá o jarro  
dá o balde  
dá a lata  
caldeirão  
e a chaleira,  
a torneira  
da banheira  
a panela,  
essa aquela,  
a tigela,  
enche a lata  
de sardinha  
o tinteiro  
e o isqueiro  
ah por isso  
tôda noite  
que eu sonho  
alarmada  
que um dia  
morrerei  
afogada.

*Êles entram de pijama. Bocejando. Escôva de dente. Toalha. Elas tiram o pegnoir enquanto êles cantam*

ÊLES

Mas isso vai acabar  
já falei com meu faixa

o deputado Anacleto  
entusiasmou-se prá burro  
com aquêle meu projeto  
de montar a fabriquinha  
eu, êle e o Zé Beбето  
vai falar com o Joacil  
que arranja no mesmo dia  
financiamento macio  
lá no Banco do Brasil.  
*(Saem. Elas olham o público)*

ELAS  
Cinco anos que diz isso,  
faz cinco anos em abril.  
*(Pegam carrinhos de feira coloridos com ver-  
duras, frutas, etc.)*

ELAS  
Minha rua tem uma feira  
que nasce tôda semana  
de repente, que alegria.  
Dura pouco, dura nada  
só um dia, nem um dia, meio dia.  
Como vai, dona Jurema?  
Ó salve, dona Iracema,  
que vestido tão bonito,  
foi comprado em Ipanema.  
Bom dia, dona Marília,  
Bom dia, dona Cecília  
meu vizinho se matou  
e deu cabo da família.  
Minha rua tem uma feira  
que nasce tôda semana  
de repente, que alegria.  
*Êsse refrão fica em fundo. Cada uma faz um  
solo*

UMA  
Se tivesse dinheiro  
prá que ninguém mais sofra  
cobria tudo que é mesa  
com aquela alcachôfra.

MAIS UMA  
Por mim e por ti  
pensando em nós dois  
compro êsse caqui.

MARIA  
Para que nossa vida  
seja eterno verão  
vou encher nosso prato  
dêsse verde agrião.

ELAS  
Minha rua tem uma feira  
que nasce tôda semana  
de repente, que alegria.  
Bom dia, seu Belisário  
Bom dia, doutor Gusmão.  
Bateram minha carteira,  
meu Deus, pega ladrão.  
*(Correm pelo palco. A música alta)*  
Pega ladrão, pega ladrão,  
pega ladrão, pega ladrão.  
*Do fundo do palco êles entram juntos, avan-  
çam como cavaleiros da idade média. Ter-  
nos iguais, formação cerrada. Se cobrem com  
as pastas. Um guarda-chuva é a lança. O côro  
delas abaixa mas continua*

ÊLES

Cada um por si, Deus por todos  
cada um que dê o seu salto.

Armados de pasta,  
gravata e Ducal  
somos cavaleiros do asfalto.

*As mulheres começam a fazer filas arrastando seus carrinhos nas mais diversas direções. Os homens tomam as mais diversas posições medievais de formação guerreira avançando para o proscênio*

ELAS

Fila fila fila fila  
fila fila fila fila

ÊLES

Dinheiro muito dinheiro  
é preciso ter dinheiro

ELAS

Fila fila fila fila  
fila fila fila fila

ÊLES

Dinheiro muito dinheiro  
é preciso ter dinheiro  
*As mulheres saem. Os homens se ajoelham. Em posição de juramento medieval. Estendem as pastas e levantam os guardas-chuvas para o céu. Entoam um fundo medieval*

ÊLES

*(Fala)*  
Perdão, ó Senhor, perdão para mim  
pois que mais do que carrasco dos outros  
sou de mim mesmo implacável algoz.

Tenho mil empregos. Senhor, perdão  
e eis que em nenhum deles eu exerço  
sequer de longe a minha vocação.  
Perdão, senhor, eu sou feito de barro,  
perdão porque em minha vida almejo  
ter família, ter filhos e um carro.  
*(Levantam-se. Um tempo. Começam a lutar entre si)*

É com o pé, é com a mão  
lá vai perna e olhe o chão  
é com o pé, é com a mão  
e olhe aqui o meu cartão.  
*(Correm, pulam, pegam dinheiro, trabalham)*

Ministério

levo a sério  
que é base  
do orçamento  
mas não dá  
pro sustento.  
Com o bico  
lá da Light  
e a gerência  
do Blue Night  
já reforço  
o orçamento.

Um jeton  
no DENERU  
pró-labore  
no SAMDU  
conselheiro  
do Bangu  
facilitam  
meu sustento.  
Advogo  
todo dia  
numa vara  
criminal

Leciono  
higiene  
num curso  
pré-marital.  
Lá na Rádio  
locutor  
esportivo  
também faço  
a campanha  
para o filho  
adotivo  
e exercendo  
esta arte  
de viver  
a la carte  
eu caminho  
eu caminho  
eu caminho  
pro enfarte.  
*Saem. Elas entram amontoadas*

ELAS  
Eu vou, eu vou  
prá cidade também vou  
o inferno ainda não  
mas o ônibus já lotou.

COBRADOR  
*(Fala)*  
Mas vamos colaborar  
um passinho mais à frente,  
Lá perto do motorista  
ainda tem muito lugar.

ELAS  
O inferno ainda não  
mas o ônibus já lotou.

MARIA  
*(Fala)*  
Eu dei o sinal, chofer  
quatro vêzes repetidas,  
eu ia ficar na Rio Branco.

COBRADOR  
Fica na Getúlio Vargas  
que tudo é avenida.  
*Elas saem. Os homens entram aos gritos. Correndo. Disputando lugares*

UM  
Mas o que é isso? Porque  
êsse tremendo alvorôço?

DOIS  
Está na hora do almoço.  
*Entram três garçons. Vão de um por um. Os homens acotovelados*

GARÇON  
Já foi atendido?

TRÊS  
Comercial.

GARÇON  
Já foi bem servido?

QUATRO  
Comercial.

GARÇON  
Está desiludido?

CINCO  
Comercial.

GARÇON  
Tem o ar abatido. (*Breca*)

UM  
Favor, como é  
o comercial?

GARÇON  
O que sobrou de ontem  
com tomate e tome sal.

UM  
Por favor, me traz  
um comercial.  
*Todos entram. Eles e elas correm*

TODOS  
Dinheiro, muito dinheiro  
é preciso ter dinheiro.  
Para poder dever bastante  
é preciso ter dinheiro.  
*(Todos param) Maria e um velhinho*

MARIA  
Mas o senhor quer mesmo mudar?

VELHINHO  
Quero.

MARIA  
Mas o senhor compreende, nem todos os aparta-  
mentos estão vendidos. O seu nome figura

na lista dos moradores que interessam mui-  
to à nossa imobiliária. O senhor não está sa-  
tisfeito por quê?

VELHINHO  
Porque no apartamento do lado tem um con-  
junto de iê-iê-iê que toca o dia todo.

MARIA  
O senhor se muda para o décimo andar.

VELHINHO  
No décimo andar também tem um conjunto  
de iê-iê-iê.

MARIA  
Tem um apartamento vago ainda no décimo  
sexto.

VELHINHO  
Tem um conjunto de iê-iê-iê também.

MARIA  
Bem... olhe... no primeiro andar... ao lado  
mora um casal... é ótimo.

VELHINHO  
Primeiro andar?... não, a sala é muito pe-  
quena...

MARIA  
É só um pouco menor.

VELHINHO  
Ê, mas não dá espaço prá ensaiar o meu con-  
junto de iê-iê-iê. (*Todos voltam a correr*)

TODOS

Dinheiro muito dinheiro  
é preciso ter dinheiro.  
Para poder criar os filhos  
com mania de dinheiro  
é preciso ter dinheiro. *(Um grita aos berros)*

UM

Meu povo, compatriotas, irmãos das almas,  
brasileiros: terminou o expediente! O expe-  
diente acabou. *(Ligeira pausa. Todos jogam  
papéis, pastas, guarda-chuvas para o ar)*

TODOS

Porque acabou o expediente  
porque acabou o expediente  
eu já não sou mais omisso  
coração vai ter serviço  
porque acabou o expediente  
e nem tudo está perdido  
agora eu que decido  
porque acabou o expediente  
de nôvo tenho passado  
vida com gôsto de sábado  
posso fazer gentileza  
quem sabe até a beleza  
porque porque porque  
porque acabou o expediente.  
*Saem todos de cena. Um tempo. Entram Ma-  
ria e um. Com armaduras, luvas de box, ar-  
mas, etc. Exaustos. Tiram as coisas lentos.  
Os objetos quando atirados no chão fazem  
barulho. Os dois caem sentados. Longo tem-  
po de silêncio*

ÊLES

Oi.

MARIA

Oi.

*Nôvo silêncio. Longo. Um aparelho de televi-  
são entra sôzinho no palco. A luz forte de  
seu receptor sôbre a cara dos dois*

LOCUTOR

Disse o Ministro da Guerra  
General Andrade Palma  
que a situação do país  
é de absoluta calma.  
O Ministro da Fazenda  
General Pia Assunção  
anuncia que terminou  
anteontem a inflação.  
Terminou agora o Fla-Flu  
resultado: Fluminense  
um contra Flamengo zero.  
Juiz da partida foi  
o General Sá Otero.  
E atenção, atenção  
acaba de ser eleita  
uma nova Miss Brasil,  
venceu o grande concurso  
o General Otacil.  
*Silêncio. Longo Tempo. A luz desce mansa.  
Um tempo. Abre. Um cavalheiro e Maria*

CAVALHEIRO

Entenda, Virgem Maria, não posso fazer nada,  
nada.

MARIA

Mas me disseram que o senhor é uma das pessoas que mais entende dos problemas da América Latina.

CAVALHEIRO

É verdade, modéstia à parte, é verdade.

MARIA

Então, é preciso fazer alguma coisa. Tenho visto pessoalmente, é insustentável, insustentável.

CAVALHEIRO

Mas eu não posso fazer nada, não sou ninguém neste país, não tenho instrumentos oficiais ao meu alcance, não tenho autoridade nenhuma, ninguém quer saber minha opinião, não posso fazer nada, não sou ninguém, não sou ninguém neste país. *(Entra um oficial de Gabinete)*

OFICIAL

Senhor Presidente, com licença, Excelência? Todos os ministros já chegaram para a reunião do ministério que Vossa Excelência convocou, Presidente.

CAVALHEIRO

Ah, obrigado. *(À Maria)* Com licença. *(Sai. Maria olha o público. Espantada. Luz. Tempo. Foco de luz numa atriz)*  
*Explode um tremendo iê-iê-iê*

ATRIZ

Hei, minha senhora, acorde o seu marido e avise

que até que enfim chegou a hora do strip-tease  
*Slide. Um casal em foco*

SLIDE

Como tôda geladeira moderna tem seu freezer tôda revista porreta tem que ter

OUTRO SLIDE

strip-tease  
*Luz aumenta no casal. Os dois tiram a roupa. Brincos, relógios*

ELAS

Tem que tirar tudo?

ÊLES

Tudo... *(Tiram tudo. Ele de ceroula. Um tempo, Tio Sam entra. Pega tudo e sai. Os dois olham o público desconsolados. Um tempo. Entram todos nus. Chacrinha nu)*

CHACRINHA

Depois dêste primeiro strip-tease participante, com todo mundo nu, antes que degenere, terminamos a primeira parte. Palmas para a gente que estamos nus.

CÔRO

Termina a primeira parte com todo mundo nu aproveite o intervalo e vá tomar café!

## SEGUNDO ATO

*Abre a Luz. Pelotão desfila*

PELOTÃO

Defende a tua pátria com ardor  
que em nenhum lugar existe um céu.  
imenso e belo e transparente véu  
de um azul tão assim côr de anil.  
Sê vigilante no frio ou no calor  
em dia de sol ou em plena chuva  
pois ou o Brasil acaba com a saúva  
ou a saúva acaba com o Brasil. (*Marcam  
passo*)

SLIDE

Não adiantou explicação  
tudo inútil, irrisório  
sim, neste quinto capítulo  
Maria pegou o serviço  
militar obrigatório.  
*Abre. O pelotão saiu. Capitão e major*

MAJOR

Capitão, decore e transmita as seguintes ins-  
truções secretas: de ordem do Coronel Ere-  
mildo terá início a operação denominada Pó  
de Mico. O batalhão terá treinamento anti-  
guerrilha já que a subversão está a ponto de  
explodir na América Latina. A tropa forma-  
rá em uniforme de campanha no local deno-

minado Bico de Papagaio. O Coronel Eremildo dará as explicações necessárias. Se chover, a aula inaugural será dada dentro do edifício principal. (*Sai. Tambor. Entra tenente*)

CAPITÃO

Tenente, decore e transmita: de ordem do Coronel Eremildo, iniciaremos a Operação Pó de Mico. O batalhão, em uniforme de campanha terá treinamento de guerrilha, pois toda a América Latina está a ponto de explodir. O Coronel Eremildo dará as explicações necessárias dentro do edifício principal. Se chover, vamos todos ao Bico do Papagaio. (*Sai. Tambor. Entra Sargento*)

TENENTE

Sargento. Vamos iniciar a Operação Bico de Papagaio. O batalhão de guerrilheiros terá treinamento subversivo. O Coronel, que está a ponto de explodir, dará explicações no local denominado América Latina. Se chover pó de mico dentro do quartel a vida do comandante será inaugurada. (*Tenente sai. Tambor. Entra Cabo*)

SARGENTO

Cabo. Por ordem do Coronel Papagaio terá início a América Latina. Os guerrilheiros darão explicações de como vão explodir a vida do quartel se não chover no edifício principal. Haverá uma campanha para inaugurar o Eremildo e a tropa formará em uniforme de mico. (*Sai. Tambor. Entra Maria*)

CABO

Por ordem do Coronel Preventivo vai chover dentro do quartel. Vamos jogar pó de mico nos guerrilheiros. Todos devem ir à América Latina e usar uniforme de papagaio. Se o Coronel não explodir. (*Sai. Entra a tropa. Todos camuflados*)

MARIA

O papagaio mandou a gente treinar o mico do Comandante até êle jogar pó na América Latina. Vamos usar uniforme de guerrilheiros até o Coronel explodir. Tudo isso, se não chover! (*O pelotão volta a cantar a música, ficam todos deitados no chão, se arrastam, tomam posições. Maria vem para a frente com um transmissor, se arrastando*) Alô, alô, Céu. Câmbio.

VOZ

Alô, Alô, Maria. Câmbio.

MARIA

Tive que entrar para o Exército. Sentei praça...

VOZ

(*Cantarola*) A mesma praça, o mesmo banco...

MARIA

Vanja vai, Vanja vem, estou com vontade de seguir carreira... É... Militar tem muita importância aqui... É só uma questão de me adaptar... É. Já me adaptei a tanta coisa... lembra do Herodes?...

VOZ

Mais uma Brahma? Casco escuro?

MARIA

Está valendo. Vou trabalhar. Estamos em manobras...

A VOZ

Vai com Deus. Ôpa. Vai por mim...

MARIA

Alô, alô. Capitão. Alô, Capitão. (*Foco de luz num Capitão, num bivaque. Usa um transmissor também*)

CAPITÃO

Que Capitão? Use o código. Use o código.

MARIA

Mas não tem ninguém ouvindo e... É manobra...

CAPITÃO

Use o código.

MARIA

(*Pequeno tempo*) Alô, alô Feijoada. Alô, alô, Feijoada.

CAPITÃO

Aqui fala Feijoada. Quem fala?

MARIA

É a Maria.

CAPITÃO

O Código. Quem fala?

MARIA

Pimentão. Aqui fala Pimentão.

CAPITÃO

Alô, alô, Pimentão. Feijoada escuta. Feijoada escuta.

MARIA

Nenhum guerrilheiro à vista.

CAPITÃO

O Código. O Código.

MARIA

(*Pequeno tempo*) Cacique ainda não fez cocô.

CAPITÃO

Se cacique ainda não fez cocô, continue empinando papagaio.

MARIA

(*A um soldado*) Que quer dizer continue empinando papagaio?

SOLDADO

Sei lá. Sempre quer dizer prá gente continuar aqui no mato esperando...

MARIA

Entendido, Feijoada.

CAPITÃO

Volte a telefonar prá casa da mamãe na hora da buzina.

*Maria desliga. Levanta-se com dificuldade*

MARIA

Não agüento ficar assim deitada no mato...  
(Um oficial vem correndo. Do meio de sua  
camuflagem, aponta com o dedo)

OFICIAL

Pan! (Pula em cima de Maria, que cai)

MARIA

Que é isso?

OFICIAL

Você morreu, soldado.

MARIA

O quê?

OFICIAL

Morreu. Você estava de pé, um guerrilheiro  
te matou...

MARIA

Ah, meu Deus.

A Voz

O que é

MARIA

Não. Não é com você. (Ao oficial) Não tem  
guerrilheiro nenhum.

OFICIAL

Isso é treinamento. Tem que imaginar o ini-  
migo. É preciso viver a situação, entendeu?  
Viva a situação! (Todos põem a cabeça de  
fora da camuflagem)

TODOS

Viva! (Se escondem de nôvo. Maria vai  
saindo)

OFICIAL

Onde pensa que vai?

MARIA

Vou voltar para o quartel. Morri, não é?

OFICIAL

Não, pode ficar. Uma morte eu relaxo... Uma  
hora de descanso. Vou veerr!

VOZES

Uma hora só... — Boa. — Vamos dar uma  
volta? — (Todos cantam e rodam pelo palco.  
Ninguém se levanta. De bruços. Maria fica  
olhando petrificada)

TODOS

Pelo mundo, pelo mundo,  
oi, de barriga no chão,  
pelo mundo, pelo mundo  
oi, de barriga vazia  
oi, mas com ela no chão,  
oi, de barriga vazia  
prá acabar com a subversão

UM

Sabe que ontem, escondido, eu fui tentar ficar  
de pé. É difícil paca, seu... não dá equilí-  
brio...

Dois

Eu também acho assim mais prático. Vai ser difícil é atravessar a Presidente Vargas...

Todos

Pelo mundo, pelo mundo  
oi, de barriga no chão  
para achar um inimigo  
não precisa explicação  
use a imaginação.  
E viva a situação.

Três

Há quanto tempo você não fica de pé?

QUATRO

Dois meses.

Três

Eu há três anos e cinco dias... vem cá...  
me conta mais como é que é quando a gente  
fica de pé. A gente não vê só o chão, não  
é? Deve dar aquela paura...

OFICIAL

Terminou o descanso. Posições, vou veeeer.  
(*Todos voltam para suas posições. Espreitam*)

MARIA

(*Olha um tempo. Pega o transmissor*) Alô,  
alô, Feijoada. Comunicado da hora da bu-  
zina.

CAPITÃO

Fala, Pimentão.

MARIA

Prisão de ventre continua.

CAPITÃO

O quê? Que código é esse?

MARIA

Cacique ainda não fez cocô.

CAPITÃO

Se Cacique ainda não fez cocô, fará algum  
dia. Alerta. (*Longa pausa*)

A Voz

Como é, se adaptou?

MARIA

Vou falar agora, vamos ver... Feijoada. Aqui  
fala Virgem Maria.

CAPITÃO

Que código é esse?

MARIA

Não é código. É a Virgem Maria.

CAPITÃO

Deve ser o General... Cacique ainda não fez  
cocô, Virgem Maria.

MARIA

Feijoada... é a Virgem Maria mesmo... por  
que tanta preocupação com subversão? Fei-  
joada?... a gente vê pouca coisa e... não  
quero me meter, Feijoada, mas... todo mun-  
do se arrastando... estão esquecendo de an-

dar, Feijoada... onde está a guerrilha. Feijoada? (*Longa pausa*)

CAPITÃO

Olha, Pimentão, você acha que com tanta miséria, sem aumento de salário, e dificuldade pra fazer manifestação política, e custo de vida, e desemprego, e Nordeste, e fome, e nada resolve e a gente em vez de fazer alguma coisa, se mete no mato, você não acha que tem que acabar saindo uma guerrilha, Pimentão? (*Longo silêncio*)

MARIA

Alô, alô, céu. Câmbio.

A VOZ

Alô, alô, Pimentão. Câmbio.

MARIA

Pode levar a Brahma. Cacique ainda não fez cocô.

*A luz apaga*

SLIDE 1

Maria atendendo a súplica dos autores desta peça resolveu se tornar a Presidente da República.

SLIDE 2

Assim o sexto capítulo  
Ah! Será sobre eleições.  
Uma eleição de verdade  
pode matar a saudade.

*Abre. Todos dançam e cantam. Palanques.  
Maria inclusive faz parte do coro*

CÔRO

Ai que saudade, saudade  
do partido alto batido no chão  
de avenida larga, de terno branco  
de Cinelândia em dia de discussão.  
saudade saudade  
do povo da rua  
a sorte que é minha  
a sorte que é tua  
e tudo se enlaça  
e tudo se abraça  
o povo na praça  
a sorte que é minha  
o povo na rua  
a sorte que é tua  
saudade, saudade,  
é o povo, amigo,  
trocando receio  
trocando perigo  
saudade saudade  
saudade saudade  
do claro do dia  
comêço do dia  
janela aberta  
pois é meio dia  
e nenhum escuro  
o povo na praça  
marcando o futuro  
e tudo se enlaça  
e tudo se abraça  
no claro do dia  
saudade saudade  
saudade saudade  
saudade saudade

VOZES

*(Pessoas discutem)* Virgem Maria! Vou votar na Virgem Maria! — Eu não, voto na UDN! — Virgem Maria! Viva o PTB! *(Os atôres no palco formam uma pequena passeata liderada por uma atriz com autofalante)*

ATRIZ E CÔRO

Vote na Virgem Maria  
é um milagre por dia  
Vote na Virgem Maria  
Deus dá tôda garantia.  
*(Maria canta num palanque)*

MARIA

Não vim trazer a paz mas a espada,  
não apago o fogo, vim acender,  
eu não vim responder, vim perguntar,  
eu não trouxe água, trouxe o mar,  
eu não trago calma, mas o vento,  
eu não trago teto, mas o relento,  
eu não vim trazer a paz, mas a espada,  
não vim trazer colheita mas a enxada.  
*Outra passeata liderada por outra atriz*

ATRIZ E CÔRO

Abaixo a Virgem Maria  
seu voto é da UDN  
mesmo que ela não resolva  
enche de modo perene  
seu voto é da UDN.  
*Falador fala violento em cima de um palanque. O côro "Saúde" continua baixo*

FALADOR

A demagogia tange os sinos. Para a miséria; milagres; para os milagres: a pureza! Ah, meu povo infeliz. Pureza? Eis aqui êsses documentos que provam à saciedade, vejam: Virgem Maria não é o que se diz!

MARIA

Não vim trazer alimento, mas fome, não vim para trazer Deus, mas o homem, eu não vim trazer a paz, mas a espada eu vim para escancarar tôda casa, eu não vim deixar janela fechada.

CÔRO

Ai que saudade saudade saudade de gente mais junta, ah, da amizade do amor solto que tive por você de comício, briga boa e algazarra, do vai mas não vai do PSD.

O DO PSD

Bem, o PSD vê com bons olhos a candidatura Virgem Maria. Sem dúvida é uma senhora, perdão, senhorita, que já prestou importantes serviços à humanidade, posso citar entre outros, o fato dela ser mãe de Deus. Mas isso não desmerece a candidatura do Brigadeiro, que é o pai da FAB. Deus e a FAB são duas coisas do céu que o PSD respeita e aplaude. *Uma porção de atrizes rodeiam a Virgem Maria. Uma câmara de TV*

ATRIZ 1

Que emoção sentiu ao ver seu filho crucificado?

MARIA

Eu comecei a chorar. Ele disse: "Não chore. mãe, em verdade ainda não viste a câmara de gás".

ATRIZ 2

É verdade que era ele quem fazia os milagres mas que os scripts eram de sua autoria?

MARIA

Não. Os scripts eram dele e Pedro, tradução de Millôr Fernandes.

ATRIZ 3

E o milagre da mutiplicação dos pães?

MARIA

Não é absolutamente verdade que tenha sido feito com a colaboração das Casas da Banha como estão dizendo.

ATRIZ 4

E a respeito de sua virgindade?

MARIA

E a respeito da sua?

ATRIZ 5

E a Madalena? Era só amizade mesmo?  
*Todos agora, enquanto gritam refrões, colocam macacões de operário*

CÔRO

É cravo com canela

é feijão na panela

é cravo com canela

é feijão na panela

Um, dois, três

explorador no xadrês.

*(Dão-se as mãos. Avançam com Maria no meio)*

Não vim trazer chão, mas a vertigem,

não trago perdão, mas severidade,

pois eu trago a multidão que pergunta

e que traz consigo tôdas verdades

não vim prá chegar, vim continuar,

e num braço a bendita ansiedade,

e no outro essa imensa paciência,

os dois procurando felicidade.

*A luz apaga. Tempo*

SLIDE

Maria ganhou fácil fácil

apesar de toda crítica

então o sétimo capítulo

oh, dai-nos força e clareza

senhor — É sobre política.

*Abre a luz. Virgem Maria com a faixa presidencial*

MARIA

Bem, vou tomar minha primeira providência.

Vou regulamentar a remessa de lucros. *(Entra um sujeito com braços descomunais dando bananas)*

SUJEITO

Aqui ó. Aqui ó, Aqui ó.

MARIA

Bem, já que há alguma oposição, primeiro vou formar meu Ministério. Um ministério técnico sem influências político partidárias. (*Entra o da Paraíba*)

PARAÍBA

O Ministério da Agricultura para a Paraíba, Presidente. Foi onde Vossa Excelência teve maior votação relativa.

MARIA

Você é técnico em agricultura?

PARAÍBA

Em agricultura propriamente não, mas sou técnico do Paraíba Esporte Clube. (*Entra o do Paraná*)

PARANÁ

Perdão, mas a Paraíba só tem três deputados federais, nós do Paraná temos cinco.

PARANÁ

E o senhor é técnico em agricultura?

MARIA

Não. Mas adoro a vida do campo. (*Entra o de São Paulo*)

SÃO PAULO

Perdão, o Paraná tem cinco deputados federais, mas um é fresco. Nós de São Paulo temos cinco também, mas nenhum nega fogo. (*Entra assessora vestida de anjo*)

ASSESSORA

Excelência, os excedentes de Medicina pedem uma audiência.

MARIA

Já vai. E você é técnico em agricultura?

SÃO PAULO

Claro, fui campeão de plantar bananeira pelo Harmonia Tênis Clube. (*Volta assessora*)

ASSESSORA

Excelência, os excedentes de Engenharia pedem uma audiência.

MARIA

Já vai. (*Aponta para os três*) Minha mãe mandou bater neste daqui... Agricultura fica com São Paulo.

PARAÍBA

No que a bancada da Paraíba se retira da situação.

PARANÁ

E o Paraná tchibum, direto na oposição.

ASSESSORA

(*Voltando*) Excelência, os excedentes do Curso de Corte e Costura pedem uma audiência.

MARIA

Λóóóó. Já vai! Calma. Você fica com a Saúde e você fica com a Fazenda. (*Entra um forte*)

FORTE

Saúde é meu que eu sou saudável. (*Entra Tio Sam*)

TIO SAM

O da Fazenda é meu, perdão. É uma tradição, compreende? Tradição. (*Volta assessôra*)

ASSESSORA

Excelência, os excedentes do Curso de Expressão Corporal pedem uma audiência.

MARIA

Aôôô. Então o do Transportes para você.

PARAÍBA

Transportes não, que eu enjôo muito. Quero o da Justiça.  
(*Entra um de Minas*)

MINAS

Justiça é coisa mineira. Justiça é coisa mineira. (*Volta assessôra*)

ASSESSORA

Excelência, os excedentes do Jardim de Infância Pernalonga pedem uma audiência.

MARIA

Calma, calma, eu disse calma. Não tem mais ministério. Não tem mais. (*Entram mais pessoas*)

VOZES

Não é possível! — O meu estado! — E o Piauí? E o Piauí? — Manhê me dá um ministério. Eu quero um ministério.

MARIA

Não tem mais ministério.

VOZES

Vou pra oposição! — E o Piauí? E o Piauí? — Manhê me dá um ministério? Eu quero um ministério!

MARIA

Está bem, está bem! Você fica com o Ministério de In, você com o Ministério de Dústria; você com o Ministério de Co, você, Ministério de Mércio; você Edu, você Cação; você Trans, você Portes... Ministério de Trânsito, Ministério da História em Quadrinhos, Ministério de Documentários do Jean Manzon... (*Foco de luz vai sumindo. Abre em locutor*)

LOCUTOR

E tome nota, hein? Amanhã, na sua fala à nação, comemorando um ano de governo, a Presidente Virgem Maria, possivelmente, anunciará a formação de seu ministério.  
(*Abre em Maria só*)

MARIA

Bom, agora vou regulamentar a remessa de lucros... (*Entra o mesmo sujeito com os mesmos imensos braços*)

SUJEITO

Aqui, ó. Aqui, ó. (*Apaga a luz. Um tempo. Abre. O Ministério está reunido*)

MARIA

Muito bem, senhores ministros. Vamos fazer nosso planejamento de governo. Para a Agri-

cultura, senhor Ministro da Fazenda, qual a verba que podemos aplicar?

MINISTRO  
Nenhum tostão.

MARIA  
Pois não. E para a pasta da Saúde?

MINISTRO  
Nenhum tostão.

MARIA  
Pois não. No setor de energia, senhor Ministro?

MINISTRO  
Nenhum tostão.

MARIA  
Ótimo. Na Educação?

MINISTRO  
Nenhum tostão.

MARIA  
Muito bem. Então está tudo planejado. Alguém quer usar a palavra? Está encerrada a reunião. Muito obrigada. *(Apaga a luz. Um tempo. Abre. Todos estão de cócoras, procurando pelo palco. Procura que procura, um tempo, Maria grita)* Pomba! Cadê o nôvo projeto da Constituição que eu fiz? *(Apaga a luz)*

*Entram slides. Maria recebendo misses, cochichando com Amaral Peixoto, numa fila de autógrafos de Ibrahim Sued, dando pontapé inicial em partida de futebol, etc. Abre a luz. Maria está ajoelhada ao pé de uma cama.*

Virgem Maria, olhai por mim, Virgem Maria... quatro anos de govêrno... estou exausta... Olhai por mim, Virgem Maria...

A Voz  
Ficou biruta?

MARIA  
O que?

UMA VOZ  
Tô calado aqui em cima, só na paquera... mas chamar por Virgem Maria é meio demais...

MARIA  
Ah, é... Virgem Maria sou eu... *(Deita-se. Um tempo. De debaixo da cama sai um)*

UM  
Virgem Maria, eu sou cafeicultor...

MARIA  
Sei.

UM  
Eu vim fazer um pedido sôbre o café.

MARIA  
Sei.

UM

É o confisco cambial. Cada dólar que a gente recebe, o governo fica com uma parte para a indústria nacional.

MARIA

O senhor quer que eu acabe com o confisco?

UM

Não, quero que a senhora acabe com a indústria nacional. *(Dois aparece)*

DOIS

Virgem Maria, eu queria um financiamento no Banco do Brasil.

MARIA

O senhor produz o que?

DOIS

Nada. Mas se a senhora me arrumar um financiamento eu produzo qualquer coisa... *(Assessora entra com sono)*

ASSESSORA

Excelência, os excedentes do curso pré-marital pedem uma audiência... *(Sai. Outro de debaixo da cama senta-se ao lado dela)*

MARIA

O senhor o que é?

OUTRA

Sou do serviço de segurança. *(Um almirante põe a cabeça)*

ALMIRANTE

Excelência, vamos comprar outro porta-avião? Han? Vuuuuuunnn... han?...

DOIS

Me arranja um financiamento?

UM

Pra que indústria nacional? Só faz liquidificador. Mistura com o dedo mesmo...

ALMIRANTE

Han? Vuuuuuummm... Chaaaaaarge! *(Volta assessora)*

ASSESSORA

Excelência, o Senhor Timóteo Bertiooga, do Município de Currealinho, pede uma licença de três dias para tratar dos dentes...

MARIA

Eu tenho que tratar disso também?

ASSESSORA

Dos dentes, não. *(Aparece um quinto)*

QUINTO

A senhora não quer me nomear para o Supremo Tribunal?

MARIA

O senhor é jurista?

QUINTO

Ah, precisa ser jurista?

VOZES

Vai, um tremendo porta-avião? — Pra que indústria nacional? — Me arranja um financiamento? — Chaaaaarge! — Por que é que precisa ser jurista? Isso é proteção. É anti-democrático. *(Entra mais gente de debaixo da cama)*

MAIS GENTE

Podia me arranjar um empréstimo na Caixa pra comprar uma peruca? — Eu queria ganhar no seu talão vale um milhão. — Me arranja uma subvenção pro Partido Comunista? — Por favor, aqui que passa o Mauá-Encantado? — E o Piauí? E o Piauí?

MARIA

Chega. Chega. Chega. Todo mundo pede, pede. Chega. *(Silêncio. Sai um de debaixo da cama. Vai indo. Longo silêncio)* Ei. *(Ele pára.)* Você não pede nada?

ÚLTIMO

Não.

MARIA

Por quê?

ÚLTIMO

Sou da Light. *(Apaga a luz. Abre. Maria só. Tonta)*

MARIA

Calma, eu disse calma. Não termino meu mandato sem fazer um troço importante. Vou

regulamentar a lei de remessa de lucros, no peito e na raça. No peito e na raça. *(Entra o Ministro da Guerra correndo)*

MINISTRO

Não faça isso. Estou chegando do Ministério da Guerra. O General Beltrano está contra. O General Fulano da Segunda RM está com eles.

MARIA

Mas o General Palhano está conosco, Ministro.

MINISTRO

Mas o 12º RM está com eles.

MARIA

Mas o MEC-REC está conosco.

MINISTRO

Mas o Corpo de Bombeiros está com eles.

MARIA

Mas a Escola de Educação Física está conosco.

MINISTRO

Mas o campeão de tiro ao alvo está com eles.

MARIA

Mas o campeão de arco e flexa está conosco.

MINISTRO

Mas o Nestorzinho da Siqueira Campos está com eles.

MARIA

*(Procura, procura)* Mas o Zèquinha da Duvi-  
vier está conosco. *(Longa pausa)*

MINISTRO

Ê, estamos donos da situação. *(Maria e o  
ministro arrasados. Entra assessôra)*

ASSESSORA

O PSD acaba de expedir uma nota oficial:  
não tolerará qualquer mudança na ordem  
constituída, a não ser que haja alguma mu-  
dança na ordem constituída. *(Longa pausa)*

MARIA

Divulgue uma nota à Nação, dizendo que a  
situação do país é de absoluta calma. Calma,  
eu disse calma. *(Apaga a luz. Um tempo.  
Abre. Maria, de porre, discursa num micro-  
fone. Procura se manter séria e valorizar o  
que diz)* Ao deixar o Governo, quero apresen-  
tar o balanço de... o balanço... No setor de  
energia, consertamos dois postes na Hilário de  
Gouveia... as lâmpadas queimadas do Minis-  
tério da Fazenda foram tôdas substituídas...  
tôdas... Transportes... reinstalamos o ser-  
viço de carrinhos de bode do Jardim de Alá.  
Agricultura... replantio total da grama do  
Pacaembu... No setor de Educação, nunca  
deixei de dizer um bom dia, um alô, um ôpa  
para todos os funcionários... Que mais...  
que mais... ah, sim... Pelé marcou um gol  
olímpico... *(Fica parada. Olhando besta-  
mente. A luz desce mansa)* Maria Angélica,  
no Catumbi, teve trigêmeos.

SLIDE

Tristes tristes confrangidos  
o nosso oitavo capítulo  
é a doença nossa bossa  
é, amigos, eis a fossa.  
*Um conjunto de ié-ié-ié toca ao desespero.  
Todos da companhia cantam e dançam. Como  
em programa de televisão caótico. Maria tam-  
bém. Sempre um sola com o microfone, can-  
tando desafinado. Os outros cantam também.  
A música absolutamente nunca pára*

UM

Ai, não sou feliz, ié-ié-ié  
não levo a vida como quis ié-ié-ié  
de meu mesmo iéééé  
só tenho bôca, dois olhos e um nariz ié-ié-ié  
Onde está a alegria? ié-ié-ié  
só sobra cantar iééé, ié-ié-ié  
*A música diminui. Todos continuam se movi-  
mentando.*  
Esperança não tenho, não  
que esperança não é só esperar, ié  
saudade, não tenho não  
que quando aqui cheguei  
tudo já estava no mesmo mesmo mesmo lugar  
e amôres não tenho, não  
que não sei onde vou chegar  
de meu mesmo  
só tenho bôca dois olhos e um nariz ié, ié  
e essa vontade de cantar ié-ié-ié

MULHER

Quero viver com alguém, pelo amor de Deus,  
alguém. Qualquer um: velho ou môço, civil  
ou militar, prêto ou branco, rico ou pobre,

Costa ou Silva, homem ou mulher. Não tenho preconceito com bicha.  
Esperançosa de Jacarepaguá.

HOMEM

Li "Como fazer amigos e influenciar pessoas", já fiz três cursos de liderança mas continuo na merda. Que devo de fazer? Carlos Lacerda do Poá.

MULHER

Meu marido se apaixonou perdidamente pela Rainha Louca. Que devo de fazer? Deixá-lo ou vender a televisão? Aturdida da Freguesia do Ó.

HOMEM

Meu pai nunca falou comigo, eu dizia bom dia, ele não dizia bom dia. Nunca falou comigo. Nunca. Aí eu dei um tiro bem no meio do mostrador dêle. Que devo de fazer? Entregar-me à polícia ou manter a consciência tranqüila? Vacilante de Coelho da Rocha.

CHACRINHA

O senhor vai imitar o que?

HOMEM 3

Peru.

CHACRINHA

Peru, muito bem, cuidado que abacate não é xuxu! (*O homem começa a imitar peru*)

SOLO

Estou ardendo em brasa, ié-ié-ié  
mas acho que não volto pra casa ié-ié-ié

Vai rodar mundo vai, vai, vai  
que em casa tem mãe, tem pai, ié-ié-ié  
Onde está a alegria, ié-ié-ié, ié-ié-ié

CHACRINHA

Palmas para o peru! A senhora vai imitar o que? (*Peru continua*)

MULHER

Nelson Rodrigues.

CHACRINHA

Nelson Rodrigues, se eu te beliscar não ligues...

MULHER

É óbvio ululante, o brasileiro é um afrodisíaco com a baba bovina! Olhar rútilo! (*Os dois continuam suas imitações*)

MARIA

(*Vai para um*) Quer assinar êsse manifesto?

UM

Olha, Virgem Maria, eu concordo, concordo, mas sou funcionário público, não posso assinar...

MARIA

Quer assinar êsse manifesto?

DOIS

Claro, claro, mas estou sem caneta.

MARIA

Eu tenho.

DOIS

Não trouxe óculos.

MARIA

Quer assinar êsse manifesto?

TRÊS

Manifesto? Quando fôr pra pegar em arma me chame.

MARIA

Quer assinar êsse manifesto? Quer assinar êsse manifesto? Quer assinar... *(Fica passando com o manifesto)*

CHACRINHA

Palmas para o peru. Palmas para o Nelson Rodrigues. Nelson Rodrigues no trono! A senhora vai imitar o quê?

MULHER

Pata choca.

CHACRINHA

Pata choca. Hoje tem suruba na casa da Noca. *(Pata choca começa a grasnar e andar pelo palco. Nelson Rodrigues continua e peru também. Maria passa)*

SOLO

Rasga, rasga, rasga ié-ié-ié  
pula, pula, pula, lá encima iéééé  
senão vem e te esmaga ié-ié-ié  
rasga, rasga, rasga

AVULSO

A solução é a seguinte: junta São Paulo, Guanabara e Minas e faz um país chamado — “Aqui não é o Brasil não!”

CHACRINHA

Palmas para o Nelson Rodrigues. Palmas para a pata choca. Pata choca no trono. O senhor vai imitar o quê?

ÊLE

Ibrahim Sued.

CHACRINHA

Palmas para o Ibrahim Sued, com bunda grande, banco pequeno cede.

ÊLE

Nós está aqui para dizer que os comunistas pensam infiltrarem-se na vida república brasileira mas as autoridades está vigilhantes... *(Peru, Nelson Rodrigues, Pata choca, Maria continuam sua peregrinação)*

SOLO

Rasga, rasga, rasga ié-ié-ié  
Rasga, rasga, rasga ié-ié-ié

ELA

Não suporto mais você, entende? Bêbado, bêbado.

ÊLE

Também não te aguento. Puta. Puta.

ELA  
Nunca mais quero te ver.

ÊLE  
Também.

ELA  
Tcháú, meu pai.

ÊLE  
Já vai tarde, minha filha.

CHACRINHA  
E o senhor, o que é que sabe fazer?

ÚLTIMO  
Sei tirar minha cabeça. *(Tira a cabeça)* Ven-  
do minha cabeça.

SOLO  
Vendo alma, vendo braço, ié-ié-ié  
vendo até a Cruz de Cristo, ié-ié-ié  
pra um dia ouvir um sim ié-ié-ié  
sim iéééé  
em vez de ouvir não ié-ié-ié

UMA  
Ducal. Ducal. Ducal.

OUTRA  
Senta levanta. Senta levanta. Senta levanta.

OUTRO  
Duas gôtas. Pim pim. Dois olhos claros e  
brilhantes.

OUTRA  
Olha o mate. Mate gelado. Mate gelado.

MAIS UM  
Foi seu Cabral, foi seu Cabral.  
No dia vinte e um de abril  
dois meses depois do carnaval.

TODOS  
Rasga rasga rasga ié  
rasga rasga rasga iéééééé  
*Maria só. Ajoelha. Todos saíram correndo.*  
*Maria só, canta*

MARIA  
Meu pai, meu pai, por que me abandonaste?  
Meu pai, meu pai, por que não me preparaste?  
Sabe, estou tão sôzinha quanto você,  
sabe, também a mim ninguém mais vê,  
também me sinto esquecida,  
também me sinto perdida,  
também finjo que é divertido.  
Sabe, tenho tanto mêdo quanto você  
sabe, também não sei o que vou fazer,  
mas juro, meu amigo, companheiro  
só sei que vou continuar  
só sei que não vou correr. . . *(Fica ali parada.*  
*Acende um foco de luz num sujeito sentado.*  
*Os dois se olham. Longo tempo de silêncio)*

MARIA  
É.

SUJEITO  
É.

MARIA  
Está ruim, não é?

SUJEITO  
É... mas pra senhora deve estar melhor...

MARIA  
Sei não...

SUJEITO  
Deve estar... a senhora sabe andar?

MARIA  
Sei...

SUJEITO  
Eu não...

MARIA  
Não sabe andar?

SUJEITO  
Não. Nunca andei.

MARIA  
Nunca?

SUJEITO  
Never. *(Maria levanta. Vai até ele)*

MARIA  
Mas isso é simples... me perdoe, não é pecado de orgulho, não, mas o meu problema é bem mais complicado que o seu...

SUJEITO  
Mas eu não sei andar...

MARIA  
É simples... fica de pé... *(Sujeito levanta e cai)* Fica de pé.

SUJEITO  
É difícil equilibrar...

MARIA  
Não... é fácil... olha... de pé... normal...

SUJEITO  
*(Fica em pé, balançando, com as pernas afastadas)*

MARIA  
Junta os pés...

SUJEITO  
Pra quê...?

MARIA  
Pra poder andar...

SUJEITO  
Ih... já está complicando... assim de perna aberta dá mais equilíbrio...

MARIA  
Vai juntando o pé devagar... devagar... *(Desequilibra. Caem os dois)* Calma... calma... vamos começar de nôvo...

SUJEITO

É muito difícil... vou desistir... fico sentado mesmo... tenho uma família compreensiva... eles vêm, me dão comida aqui, me contam história...

MARIA

Vamos lá... que é isso... é brincadeira de criança... Vai. De pé. Junta. Junta. Junta. Isso. (*Larga. Ele cai duro. Maria levanta o sujeito.*) Não desacorçoa, não... Vai. (*Fica de pé. Sôzinho. Duro. Retesado*) Relaxa um pouco... (*Ele relaxa. Vai cair. Maria segura*) Relaxa... relax... easy boy... easy boy... that is it... that is my boy, that is my boy... agora, devagarzinho... avança a perna direita... (*Ele põe a perna direita para a frente. Fica esturricado na posição. As duas pernas retesadas, tenso, braços levantados*). Agora a perna esquerda... avança... faz apoio na direita e avança a esquerda... (*O sujeito avança a esquerda com impulso demais. Fica com as pernas extremamente abertas, em posição de ballet. Os braços levantados*)

MARIA

Deu impulso demais... volta pra posição anterior... hei... môço... (*Ele está hirto. Não responde*) Môço...

SUJEITO

(*Com grande esforço*) Me tira daqui...

MARIA

Puxa a perna, môço.

SUJEITO

Não dá... me tira daqui, môça...

MARIA

Môço... calma... calma... ai que aflição... respira calmo... relaxa... dobra o joelho esquerdo devagar, devagar... (*Ele vai fazendo*) Agora, calma... calma... não chora, môço... calma... eu te tiro daí... Agora põe devagar as duas mãos no chão... (*Ele põe*) Isso... está parecendo atleta... isso... agora encosta o peito na coxa... isso... agora vem puxando a perna direita, dobrando, devagar... devagar... (*Ele puxa um pouco depressa demais, cai de cabeça no chão, a perna direita levantada, como se plantasse bananeira só com uma perna*) O senhor quer aprender a andar ou plantar bananeira?...

SUJEITO

Me tira daqui, môça...

MARIA

Calma... calma... põe mais a cabeça no chão... isso... o pescoço... as costas... isso... segura... isso.. vira a perna... (*O sujeito dá uma cambalhota e fica deitado*) Isso...

SUJEITO

A senhora disse que ia me ensinar a andar... não ia me ensinar a dar cambalhota...

MARIA

Vamos começar de nôvo, com calma...

SUJEITO

Não, môça, estou meio velho, já estou acostumado... minha família vem e me conta história... depois pra que andar por aí, não é? me disseram que tudo anda muito sem graça... Obrigado. Prazer.

MARIA

Prazer. (*Maria vem para a frente. A luz some no sujeito*) Alô, alô, céu, câmbio. (*Silêncio*) Alô, alô, céu. Câmbio. (*Silêncio*) Alô, alô, céu. Câmbio.

A Voz

(*Ofegante. De alguém que correu muito*) Alô, alô, Maria. Alô, alô, Maria. Fala...

MARIA

Meu fracasso foi geral, meu companheiro. Geral. Nem um cara que não sabia andar eu dei jeito nêle...

A Voz

(*Cansado*) Não me diga?...

MARIA

Uma coisa tão simples... porque é que você está tão cansado?

A Voz

Nada... nada... um arco-iris encrencou, tivemos que empurrar e...

MARIA

Você estêve aqui na terra?

A Voz

Eu?

MARIA

God. Você estêve aqui na terra, God?

A Voz

Vê lá... me crucificam de nôvo e...

MARIA

Era você o sujeito que não sabia andar, não era? Não era?

A Voz

Está bem... está bem... fui eu... Foi a moral da peça, manja? Uma parábola, entende? Moralidade, mora? A mensagem da peça — vejamos. Você está nessa fossa porque não resolveu os problemas que parecem tão simples de resolver, não é? Mas é sempre simples pra quem não tem o problema, pra quem não está no fogo. Andar é simples, não é? Mas pra aquêle cara que não sabia andar é a coisa mais complicada do mundo. É isso, minha santa. Tu chegou há duas semanas, deu uma espiada, e queria resolver tudo... porque parece simples? Calma. Eu disse calma. ... Tá certo, na América Latina eu escrevi certo por linhas tortas demais... fiz ela por último, já estava meio grogue... mas calma... Nada de desespero, não. Você já fêz coisa à bessa. Aprendeu! Vai, vamos terminar essa revista animada... é revista, não é Antonionni, não... Vamos lá... Vou botar o maior partido alto... vou botar um partidão alto... Vamos lá... (*Começa a cantar*) Pisa no mas-

sapê, pisa no massapê, devagar... Vamos nós... Pisa no massapê, pisa no massapê, devagar... *(Vai entrando mais gente e batendo tamborim, cuica, etc.)*

CÔRO

Pisa no massapê, pisa no massapê devagar  
Pisa no massapê, pisa no massapê devagar

UM

Vida é feito massapê  
pise bem devagarinho  
senão tu vai atolar

CÔRO

*(Com Maria, agora)*  
Pisa no massapê, etc...

Dois

Vamos, vai, não tenha medo  
que todo bom carpinteiro  
pra ser bom tem de dar muita  
martelada no seu dedo.

CÔRO

Pisa no massapê, etc...

A Voz

Vida não é coisa fácil,  
é difícil pra xuxu  
lembre: até Napoleão  
entrou bem em Waterloo.

CÔRO

Tristeza uma vez por dia, Maria  
só tristeza é covardia

Tristeza uma vez por dia, Maria  
só tristeza é covardia.

MARIA

Ei, não fique nessa fossa  
lembre que Noel já dizia  
confie na nossa bossa.

CÔRO

Tristeza uma vez por dia, Maria  
só tristeza é covardia.

TRÊS

Não siga nunca essa pista  
que tristeza é udenista.

QUATRO

Brasil tem muitas tristezas  
mas tem muito mais Teresas.

CINCO

Pior que queda no cabelo  
é tristeza no cerebelo.

CÔRO

E com a pena do pavão  
escreva aí a solução  
e com a pena do pavão  
escreva aí a solução.

CINCO

Oi, oi de lá, oi de cá  
não reclama vem brigar.

CÔRO

E com a pena do pavão  
escreva aí a solução.

SEIS

Escrevo o a, escrevo o bê  
o cê escreve você

CÔRO

E com a pena do pavão  
escreva aí a solução.

SETE

A mão só tem serventia  
oi, pra apertar outra mão.

CÔRO

E com a pena do pavão  
pinto de branco e de verde  
põe vermelho e põe carvão  
eu vou a pé pelo mundo  
vou até no boqueirão  
e com a pena do pavão.

A VOZ

Maria. Não precisa exagerar. Volta pra cá. Já  
terminou a sessão.

MARIA

Vou ficar. Vou ficar mais um pouco por  
aqui...

CÔRO

Chegou, chegou, chegou  
ficou, ficou, ficou

Já perdi dez vezes  
vou perder mais dez  
perdendo eu aprendo

mas vou com meus pés,  
não fico no mundo  
apostando mil réis.

Já perdi dez vezes  
ora, minha gente  
em cada passo prá trás  
eu dou dois passos prá frente  
e sem ninguém esperar  
chego lá de repente.

Vim a pé pelo mundo  
nada é coisa decidida  
sou eu quem manda na vida.  
Perco pulo caio volto  
e ainda ganho a partida  
só então nesta hora  
deixo a minha despedida.  
*(Tio Sam entra. Com os imensos braços)*

TIO SAM

Aqui ó. Aqui ó. Não sei como passou na cen-  
sura, hein. Tudo comunista. Olha a cara  
daquêle magro. Comunista tudo. Aqui ó. Eu  
disse que não sei o que estou fazendo nesta  
revista. Sou da América do Norte. A revista  
é da América Latina. Não tem nada uma coisa  
com outra. Nada. Tudo comunista. Aqui ó.  
Aqui ó.

CÔRO

E aqui termina essa revista  
até logo, um beijo, até a vista  
continue forte, não desista  
salve Vasco, Flamengo e Fluminense  
salve soldado, general e tenente,  
não deixe nunca esfriar muito

vida é melhor comida quente,  
vive mais quem mais aprende  
tome muito cuidado com mão boba  
e viva nosso Brasil, ôba.

*No agradecimento um ator entra vestido de  
Deus, com um monte da garrafa de cerveja  
casco escuro. Enquanto agradecem, cantam.*

Não chora não, que tem mais  
não chora não, que tem mais  
no céu ainda tem lua  
se tudo acaba na vida  
a vida sempre continua.  
não chora não que tem mais, que tem mais  
eu parei de cansado  
me beija na bôca,  
que eu fico muito doido, morena  
lá na esquina tem volta, morena  
e volta dobrado  
Não chora não que tem mais  
não chora não que tem mais  
tem cachaça tem festa  
tem samba, tem flor,  
tem Cosme, tem Damião  
tem Sargento e Doutor  
quem sabe até Capitão  
tem peixada em Mangueira  
de segunda a sexta-feira  
Não chora não que tem mais  
Não chora não que tem mais

15 de agosto de 1967

Composto e impresso pela Cia.  
Editôra Fon-Fon e Seleta / Rua  
Pedro Alves, 60 / Rio / GB